

IMPROVISAÇÕES POÉTICAS ESPACIAIS - DEAMBULAÇÕES DA PINTURA

Spatial poetics improvisations. Wanderings painting

ARANGO, Natalia Echeverri¹

Resumo

A pesquisa apresenta trajetórias e deambulações do meu processo artístico, na tentativa de configurar uma cartografia do intermediário, um espaço intervalar, como zonas de coexistência de um mundo habitado dialogicamente mediadas pela noção da pintura expandida nas práticas das artes visuais. Nesse processo, o objetivo tem sido evocar a impermanência, traduzida em espaços pictóricos, que permitam encontrar o estável no móvel e fazer uma referência ao movimento, ao ato de movimentar-se, a partir das construções improvisadas e temporais e das práticas do deslocamento. A reflexão transita pela exploração da noção de deslocamento, fio condutor que dirige e motiva, tanto o marco teórico, como a produção plástica.

Abstract

The research focuses in trajectories and wanderings of my artistic process, in an attempt to set up a cartography of the in-between, an interval space, like coexistence' zones of a world dwelled dialogically mediated by the notion of painting expanded in the visual arts practices. In this process, the aim has been to evoke the impermanence, translated into pictorial spaces that allow to find what could be stable in what is mobile and to make a reference by the movement, the act of moving from the construction of spatial and temporary improvisations and displacement practices. The reflection moves by exploring the displacement' notion, the thread that directs and motivates, both the theoretical framework, such as plastic production.

Palavras-chave: Deslocamento; Espaço intermediário; Trajetória; Deambulação; Habitar

Keywords: Displacement; Intermediate Space; Trajectory; Perambulation; Dwell

Data de submissão: Junho de 2015 | **Data de publicação:** Setembro de 2015.

¹ NATALIA ECHEVERRI ARANGO – Professora da Universidade Nacional da Colômbia. PGAV / Universidade Federal de Rio de Janeiro. Bolsista do Programa Estudantes-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG, da CAPES/CNPq – Brasil. Orientador: Celso Pereira Guimarães. Estagio Universidade de Aveiro. Co-orientadora: Prof. Dra. Maria Manuela Carvalho de Sousa Lopes. Colombia. Correo Eletrónico: echeverri.natalia@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O meu processo de trabalho implica uma relação com a experiência sensorial do mundo, de um mundo variado e em constante mudança. Vários dispositivos qualitativos, como a observação, acumulação, justaposição, colagens de objetos e materiais colaboram para interpretar o mundo, focada nas formas auto construtivas manifestadas em habitats precários registradas em algumas cidades latino-americanas que são regidas por uma transitoriedade.

Chamam a atenção as paisagens cheias de construções improvisadas, nas quais as fachadas repletas de cores, retalhos e justaposições dos materiais, compõem padrões repetitivos no exterior e interior das moradias; superposições de linhas que formam tramas; superposições de planos que formam um terreno; superposições de cores que formam uma atmosfera singular; superposições de elementos que produzem a saturação do espaço vivido e geram uma arquitetura espontânea.

As moradias são como uma colagem construtiva, realizada com fragmentos irregulares, que não parecem ter relações claras, nem encaixar-se bem entre elas, já que cada uma se apresenta dando conta da sua origem, gerando um tipo de arquitetura própria, nesses bairros marginais, o que pode levar a pensar em outras formas de tecer e construir os espaços misturados, e que nessas dinâmicas econômicas populares fica evidente a invenção de espaços, flutuantes, instáveis, labirínticos, precários, arcaicos, primitivos, e que poderíamos chamar de habitats sustentáveis.

O interesse principal parte do deslocamento em geral, deslocamentos que tem a ver com as disposições de elementos no espaço, os deslocamentos dos percursos, com a ideia de trajetória. Poderia se resumir ou centrar que o interesse está no movimento, do qual derivam outras camadas que tem a ver com os usos do espaço e como se dispõem os objetos nele, dando lugar a uma desestabilização estrutural de continuidades e discontinuidades; a espacialização da pintura, ou do espaço na pintura, o uso da cor, entre outros.

Sempre buscamos atmosferas envolventes, protetoras, para nos sentirmos seguros. Ao deslocar-nos, levamos os costumes, hábitos, as características inatas, para voltar a enraizar-nos, segundo Bachelard (1975, p. 29),

“os lugares onde se tem vivido o devaneio se reconstituem por si mesmos num novo devaneio. É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis”.

E, a partir desses conjuntos, ou mediante a acumulação de experiências vividas, é que vão florescer novos campos, novas apropriações, construções, ou compor-se outras situações espaciais, como um efeito bola-de-neve.

Igualmente, Flusser (2003, p. 14), como migrante, reforça essa ideia, ao falar que “o migrante vai levar pedaços das peças de todos os lares pelos quais tem passado, pelos quais tem deambulado, ele não está ancorado em nenhum deles”. E assim como o deslocado, em seu vagar

“põe-se em caminho, e sem dispor de nenhum espaço aonde voltar, não existe em seu universo nem origem, nem fim, exceto o que decida fixar-se por si mesmo. Pode levar consigo fragmentos de identidade, a condição de que se transplante em outros solos e que se aceite sua permanente metamorfoses” (BOURRIAUD, 2009, p. 58).

Os indígenas e os deslocados pela violência têm claro que tudo lhes será funcional, porque necessitam viver do que obtêm e, algumas vezes, do que o governo lhes dá: a moradia, novos terrenos de reinstalação, enfim, dos plásticos que recolhem. Eles sabem que, embora tenham uma morada, sempre vão estar expostos a um lugar diverso, ao acaso, ao caos, e nessa contingência é que tem de sobreviver, uns porque culturalmente nasceram assim; outros, porque a violência lhes criou essas necessidades tão árduas; e outros por livre escolha. Deslocar-se é mover-se, mas, na Colômbia, o termo deslocar-se já tem conotação de violência. É um deslocamento forçado, causado pela violência interna do país, que leva as pessoas a deixar sua terra, sair em êxodo. Ali já não se viaja pelo prazer da viagem, mas pela circunstância; não pelo desejo de trocar de ambiente, ou de ter vida melhor em outro lugar, mas pela exigência de deixar sua casa. Nesse contexto, são pessoas que têm alterado seu ciclo; se vivem deslocados, não foi pelo ânimo de rebeldia, ou de mudar apenas; o que os leva a mudar de lugar é a ameaça de ter de sair de seu espaço.



Fig. 1 e 2 - Deslocamento forçado na Colômbia

Fontes: <http://jotapipe1996.blogspot.com.br>

<http://www.vanguardia.com/actualidad/colombia/193458-15-anos-de-carcel-para-exparamilitar-por-desplazamiento-forzado>

Os deslocados seguem no dia a dia como um tipo de nomadismo, pois tem que sair do bairro, da moradia, sair à venda de chicletes, a arrumar-se na vida, não só para o sustento, mas também para encontrar materiais que possam lhes ser úteis, pensar no que lhes serve ou não, assumindo o papel de *bricoleur* (faz-tudo) sem sabê-lo. Nessa instância, no deambular pela vida, buscando um mundo de possibilidades.

Visualmente, fui atraída pelas formas construtivas do bairro Moravia, na cidade de Medellín, Colômbia, no qual um grupo de habitantes que eram deslocados pela violência, saiu de seus espaços de origem e apropriou-se de novos terrenos, novos territórios, novos contextos; assim, a primeira abordagem a essa noção é marcada com uma carga política.



Fig.3. Natalia Echeverri A. 2014 Fotografia bairro Moravia – Medellín/Colômbia 2006

Tomar um lugar na rua, uma esquina, territorializar por meio de um papelão, que marca o espaço, sinalizando-o, é uma forma de privatizar espontaneamente e de maneira efêmera um pequeno lugar do espaço público.



Fig.4. Natalia Echeverri A. 2012 Fotografia, Bairro Botafogo, Rio de Janeiro/RJ, Bras

Tomar um prédio, uma casa, habitação, invadida pelos sem-teto, e aí fazer suas moradas, e dar guarida a uma instabilidade do cotidiano.



Fig.5. Natalia Echeverri A. 2012 Prédio no centro de São Paulo/SP, Brasil

Tomar um terreno nas margens das estradas, no campo, para ser habitado pelos sem-terra.



Fig.6 e 7. Natalia Echeverri A. 2013 Bairro do movimento dos Sem-Terra, Alagoas, Brasil

Os exemplos, de diferentes magnitudes, mostram a necessidade de prever espaço interior abrigador. As condições mutáveis, e impossíveis, nas cidades, hoje, levam a viver nessas situações. A partir desse fato político, é de interesse particular os modos alternativos, espontâneos, engenhosos, que essas pessoas manifestam, ao tomar e ocupar esses espaços improvisados.

Na pesquisa, essa concepção de deslocamento começa a desdobrar-se por meio das fissuras descritas, de estar interessada nas situações antes mencionadas, e ao ter a necessidade pessoal de “deslocar-me”, de sair de um contexto conhecido para entrar em novos, de sentir o desarraigo motivador que me faz produzir. O deslocamento físico em espaços urbanos surge como um modo de explorar sensitivamente o mundo.

O trabalho plástico tem sido feito a partir de um conjunto de trabalhos da experiência reunidos em dois módulos: o primeiro, cartografia visual de um mundo ao redor envolve a

construção narrativa de imagens registradas no deslocamento tanto por bairros precários, como percursos pela cidades, ou viagens. Registrando situações em que a condição habitar-transitar esta implícita como os traços marcados de um constante ir e vir, dos deslocamentos cotidianos e habituais, de um entorno comum.

Assim começa-se a fazer uma série de trabalhos que refletem sobre essas situações passageiras, como por exemplo o projeto *eternos retornos*, é uma série de vídeos baseada na ideia de um contínuo andar, *loops* como linhas repetidas dos trajetos marcados no espaço, entre eles, as *travessias da Marina*. Este vídeo apoia-se na ideia de morar instavelmente e nos trajetos cotidianos de uma habitante que mora numa barca, em seu quadrado-território-abrigador, no Rio de Janeiro/RJ; se quer dar a ideia de que, por meio dos deslocamentos feitos, evoca essas situações contínuas de um eterno ir e voltar em seu mundo próximo.



Fig. 8. Natalia Echeverri A. 2012 Travessias da Marina, (2013-2014) Still de vídeo e livro

De igual maneira, inicia-se assim, com pequenos percursos para recuperar o exercício de voltar a olhar, de se permitir observar o não observado, de conhecer um contexto que nos circunda. Passar, olhar, encontrar situações simples, despercebidas e insignificantes, tanto de objetos como de espaços e cenas, que já não marcam nenhuma referência. É a través do registro, que vai se configurar uma narrativa que dá conta, por um lado, de um cotidiano perdido, ou mais bem esquecido, pois, por estarmos tão imersos no mundo onde se vive aceleradamente, já não vemos mais e o mundo passa despercebido, lembrando a Flusser (2007, p. 90), quando fala do objetivo do mundo codificado que nos circunda é: “que esqueçamos que ele consiste num tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada”.

Os percursos, feitos na cidade de Rio de Janeiro - *percurso azul*, *percurso amarelo*, *percurso verde* -, e no Porto, nascem da experiência vivida em três espaços: o deserto, a savana e o oceano e da pergunta como captar ou expressar o infinito no particular? A ideia era de ir traz esses espaços expansivos. Registrar cada rastro azul, cada rastro amarelo, ou cada rastro verde; caminhar até os locais mais comuns; ir atrás do desejo de estar nesses espaços expansivos, dentro da cidade, faz alusão ao poder de submergir-me, de alguma maneira, em pequenos cantos ou situações inerentes, como um jogo dialético, como, por exemplo, de encontrar, no micro, o macro, e também como, por meio das multiplicidades do micro, refazer o macro, ou seja, pela união dos registros de instantes fugazes, vai se aludir, de alguma maneira, a esses espaços ilimitados e imensos.



Fig.9. Natalia Echeverri A. 2014 Percurso azul montagem fotográfico 1.10cm X 200cm



Fig. 10. Natalia Echeverri A. 2014 Percurso amarelo montagem fotográfico 1.10cm X 200cm



Fig.11. Natalia Echeverri A. 2014 Percurso verde montagem fotográfico 1.10cm X 200cm

O trabalho *paisagem evanescente*, é um deslocamento poético da noção de casa, como a estrutura que se vai movimentando; é um apagamento e ressurgimento dessas autoconstruções que um dia estão e no outro não. Eles aparecem da mesma forma que se esvanecem, deixando só os rastros marcados e compondo outros jeitos de arquitetar o lar. Em contrapartida, o vídeo *deslocando e apropriando* (49seg) parte desse voltar, aparecer, em outro contexto, apropriando-se desses elementos, e invadir esse outro lugar.

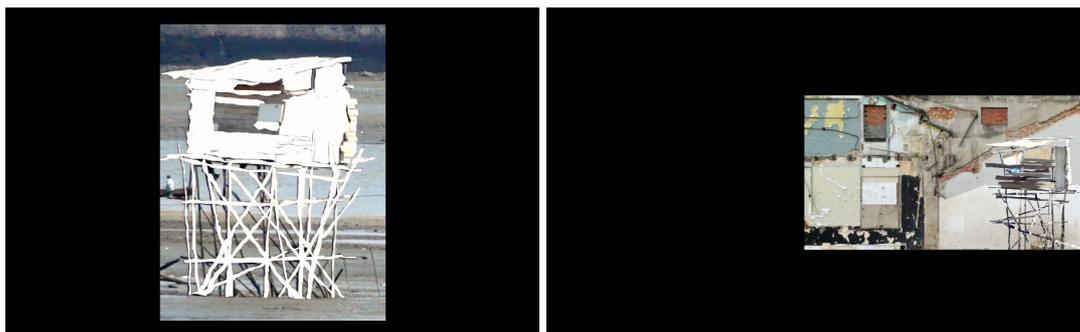


Fig. 12 e 13. Natalia Echeverri A. 2014 Paisagem evanescente. Still de vídeo / Deslocando-se e apropriando-se. Still de vídeo

O segundo módulo cartografias do utópico, reflete sobre a ideia de expandir a pintura. De conformar uma pintura para ser habitada, na qual se propõe a fazer espaços intermediários entre o bidimensional e o tridimensional, o exterior e interior, entre o real e o irreal, configurando uns espaços para morar transitoriamente. Essas cartografias estão baseadas nas *trajetórias de habitats transitórios*, mediados pelos percursos pelas mudanças que acontecem no interior e no exterior de moradias precárias, enfocadas no processo construtivo e nos passos que nelas se desenvolvem.

A série de objetos pictóricos que conformam essas cartografias do utópico, surgem com a intenção de configurar e encenar outros espaços ou mundos alternos para morar, espaços transitórios entre abertos e mais maleáveis, recriando uma paisagem visual mais leve e imaginária. Essas cartografias – objetos pictóricos-instalação– de espaços transitórios, pinturas expandidas, são mapas de espaços amorfos, entrelaçados irregularmente. São espaços intermediários entre o real e o irreal. Nesta série reinventam-se os espaços em transição, com elementos pictóricos: a cor e o uso de materiais em desuso em composição espacial. Esses elementos compõem-se como jogos estruturais construídos aleatoriamente, camadas superpostas, uniões e interseções de linhas, planos e superfícies, criando novos encontros, ambientes e superfícies para dar lugar a uns espaços móveis. Os planos e as estruturas que se levantam sobre superfícies reticuladas se conformam por meio da acumulação de pequenos materiais, justaposição de planos e superfícies, que podem ser vistos como colagens habitáveis percebidas como objetos pictóricos espaciais.

A conformação de cada um dos objetos-pictóricos está feita de forma fragmentária, de colar um pedaço de material em desuso em outro, e assim conformando planos, volumes, até criar atmosferas sobre superfícies reticuladas mediante a ideia de acumulação, em que as camadas sobrepostas vão configurando uma composição espacial espontânea, que podem ser vistas como mapas de espaços amorfos, entrelaçados irregularmente. As estruturas dão a

ideia de estar em esboço, planos meio postos gerando uma instabilidade arquitetônica. O suporte em palafitas jogam com essa mesma ideia, de levitar no espaço, apoiando a ideia da instabilidade.



Fig. 14 Natalia Echeverri A. 2013/2014 Série de Objetos pictóricos MA. Entre 30cm e 50cm aprox.



Fig.15 Natalia Echeverri A. 2013/2014 Série de Objetos pictóricos MA. Entre 30cm e 50cm aprox.

Nesse desafio da configuração de espaços intermediários, do interesse de ampliar a pintura ao espaço para serem habitados, de habitar a pintura, ressoa com a ideia de circunscrever-se e ser circunscrito, onde se pode-se dar a possibilidade de ligar o fora e o dentro, nutrindo-os entre si, como uma rede de relações que é tecida criando as espacialidades de coexistências.

Desses objetos pictóricos, se desdobra um conjunto de trabalhos, os que vão transitar de desenhos até pinturas ou situações espaciais. No ato de articulação e desarticulação de formas e construções, criam-se diálogos entre si, expandindo a experimentação à multiplex variável:

A série de desenhos sai do olhar dos objetos pictóricos com outros ponto de vista, como espaços negativos, positivos, espaços vácuos ou cheios, que apontam, ao abstrair em formas simples diversos ângulos dos objetos-pictóricos. As linhas e os planos vão se apagando ou fundindo com o passar, ficando formas construtivas desconstruídas de num constante mudar, desvendando por outro lado o processo construtivo.

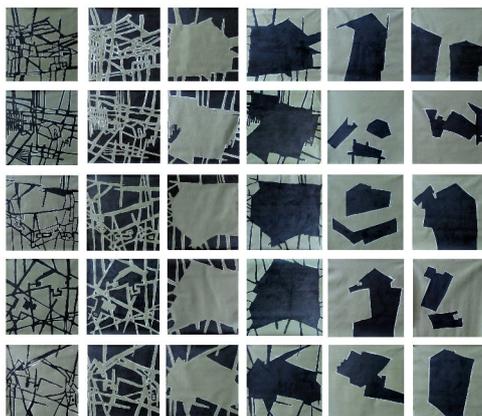


Fig. 16. Natalia Echeverri A. 2013 Desenhos dos objetos pictóricos MA. 50 cm x 50 cm c/u

A série de pinturas nasce a partir de desenhos feitos dos objetos pictóricos, incorporando imagens fotográficas impressas em preto e branco e também influenciadas pelos percursos, solapando-se como tramas vivenciadas percorridas no dia a dia, marcadas por linhas finas e grossas, que marcam o espaço. Os encontros desses percursos, dos trajetos, vistos nas pinturas, vão suscitando planos ou superfícies onde se poderia habitar. Assim como as experiências, a pintura vai se acumulando com camadas de diferentes tonalidades, camada sobre camada, linha sobre linha, plano sobre plano, insinuando múltiplos encontros caóticos guiados pelo movimento.

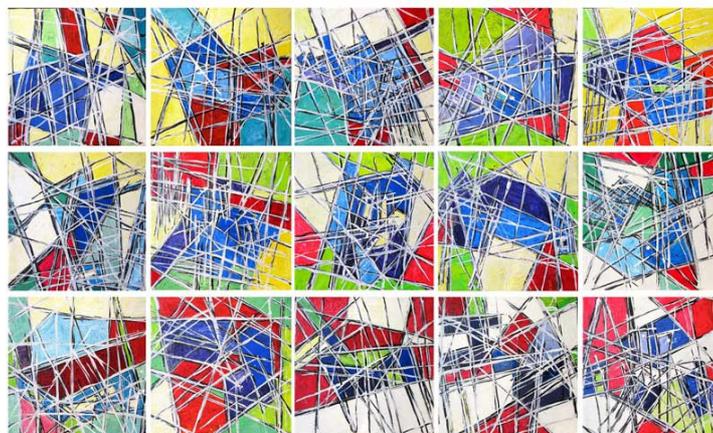


Fig. 17 Natalia Echeverri A. 2013 Derivas cartográficas, Serie de pinturas 50 cm x 50 cm c/u

O trabalho *lugar de passo* é uma imagem fragmentada em preto e branco de uma palafita,² que recebe uma quantidade de linhas adesivas superpostas como uma ação repetida, inspirada na apropriação da ato de um habitante, do bairro estudado em Medellín/Colômbia, que a cada dia ele saía e colocava um reforço, com algum fragmento de pau, para dar estabilidade ao seu barraco, para não cair; dessa situação, vou repetir essa ação e “descompor ou compor” essa imagem em outra paisagem, outra moradia, que evoca essa mudança com o passar dos dias. As linhas bidimensionais são estruturas que mudam, se acumulam, se trocam constantemente, como ritmos fractais, querendo aludir à ideia desse contínuo estar se fazendo, e também de um trabalho incompleto que está num processo de nunca acabar.

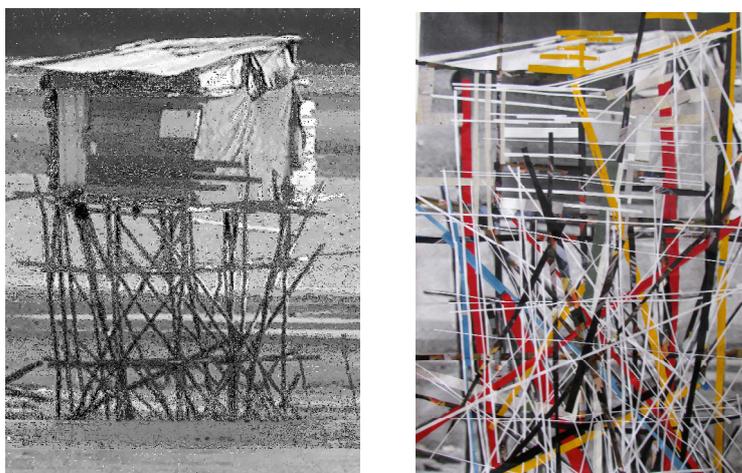


Fig. 18 e 19. Natalia Echeverri A. 2014 Lugar de passo. Impressão fotográfica preto branco 230cmx 150cm

No projeto *Devir casa-canto*, pretende-se a partir do registro dos rastros de um habitar a cidade temporalmente por uma população sem teto, um registro conformado por imagens da apropriação de pessoas que improvisam uma casa com uma caixa como superfície, num canto da rua, e que de alguma maneira compõem umas situações espaciais espontâneos. Uma superfície bidimensional e horizontal (caixa aberta de papelão) marca um território passageiro, virando-se espacialmente invisível, tridimensional, recebendo e dando refúgio a esse lar temporário.



Fig. 20. Natalia Echeverri A. 2012 Arquivo dos rastros de um morar transitório, fotografias

² Fotografia tomada na cidade de São Luiz de Maranhão em Brasil, 2013

Inicia-se com o desenho da planta de uma casa imaginária, projetada, para ser construída, uma casa sonhada mas só vivida em planos. O ambulante apropria-se dessa superfície bidimensional espacial aberta, como se fosse coberta por linhas imaginárias compondo essa casa fictícia que o resguarda.



Fig. 21 Natalia Echeverri A. 2014 Canto-casa intervenção

Aprofundando um pouco mais essa ideia, se desenvolvem outras saídas, demarcando zonas desse plano e tentando conformar, por meio de blocos de cores, esse espaço irreal. Por outro lado se realiza uma série de desenhos para serem intervenções espaciais na escala 1:1



Fig. 22. Natalia Echeverri A. 2014 Casa-canto Intervenção espaço interior

E, por último, se conformam umas instalações nas quais se misturam algumas das fotografias do arquivo, objetos recolhidos da rua, como paus de madeira ou papelão compondo outros possíveis espaços.



Fig. 23 e 24. Natalia Echeverri A. 2013-2014 Casa-canto Instalações

Concluindo, pode se observar que é por meio do deslocamento a via que conduz a fazer espaços intermediários, improvisações espaciais e temporais de um habitar instável. O deslocamento, dinamiza a constante renovação do espaço, dos parâmetros, dos materiais, que tornam esse espaço intermediário um espaço molecular, como uma ameoba que vai se configurando segundo o meio onde está, improvisa sua chegada, seu estar e sua saída para continuar num trânsito ambíguo sem parar. Uma ameoba que se apropria, toma emprestado o que precisa no espaço e tempo, usa-o, transforma e muda; desloca-se um pouco mais, expande-se.

O ato de tentar dar outros significados a esse estar-no-mundo, permite gerar outros mundos alternativos e paralelos em que é possível imaginar-criar-habitar. Novas geografias, de espaços intermediários, um terceiro lugar, um espaço cenográfico que tal vez seja um interstício para habitar o utópico.

Habitar um espaço utópico, é morar em uma dobra em branco, um espaço do devaneio, que é tão real como irreal; um espaço que flutua sobre correntes sem destino e estruturas movediças, oscilando no errar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARDENNE, P. (2006). Un arte contextual - Creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación. Murcia: Cendeac.
- BACHELARD, G. (1975). La poética del espacio. Argentina: Fondo de Cultura Económica.
- BERENSTEIN JACQUES, P. (2011). Estética da ginga A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da palavra.
- BOURRIAUD, N. (2009). Radicante. Buenos Aires: Adriana Hidalgo.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. (1997). Dialogos. Valencia: Pre-textos.
- DELGADO, M. (2007). Sociedades movedizas Pasos hacia una antropología de las calles. Barcelona: Anagrama.
- FLUSSER, V. Links: Kultur - Cultura: Vilém Flusser Estrangeiros no mundo. Disponível em: <http://www.info.pro.br/instituto_steiger/5/5300101.html>. Acesso em: 11 ago. 2014.
- FLUSSER, V. (2003). The Freedom of the Migrant Objections to Nationalism. Chicago: University of Illinois.
- FLUSSER, V. O mundo codificado Por uma filosofia do design e da comunicação. Sao Paulo: COSACNAIFY, 2007.
- OKANO, M. (s.d.). Entre-espaco da arte e comunicação no Japao. Sao Paulo.
- FLUSSER, V. Nossa Morada. Disponível em:
<http://www.geocities.ws/vilemflusser_bodenlos/textos/NossaMorada.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2014.
- FOUCAULT, M. Espacios Diferentes. Disponível em:
<<http://es.scribd.com/doc/12468412/Michel-Foucault-Espacios-Diferentes>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- LATOUR, B. (2005). *Reensamblar lo social Una introducción a la teoria del actor-red*. Buenos Aires: Manantial.
- PARDO, J. L. (1992). *Las formas de la exterioridad*. Valencia: Pre-textos.
- SERRES, M. (1995). *Atlas*. Madrid: Cátedra.
- SERRES, M. (2011). *Habitar*. Paris: Le Pommier.

SLOTERDIJK, P. (2009). *Esferas III Espumas, esferologia plural*. España: Siruela.

STEINBERG, L. (s.d.). *El plano pictórico horizontal*. In: GILI, G. (Ed.). *Poéticas del espacio*. Barcelona.

WATSUJI, T. (2006). *Antropología del paisaje Climas, culturas y religiones*. Salamanca: Sigüeme.